

# CONVERSÃO E DRAMA

## Alguns aspectos da teologia da conversão de Jean Daniélou

Françoá Costa<sup>1</sup>

### RESUMO

Toda teologia tem como fonte principal a Palavra de Deus transmitida na Escritura e na Tradição viva da Igreja. Não obstante, todo trabalho teológico se encontra aberto a todas as realidades, sobre as quais procurará projetar a luz dessa Palavra. Uma dessas realidades que sempre suscitou alegria e pensamento no seio da comunidade de fé, que é a Igreja, é o fenômeno da conversão. Ainda que a obra teológica de J. Daniélou não contenha explicitamente uma teologia da conversão, há um pensamento latente sobre o tema em questão que se deseja apresentar nessas páginas. Tendo a história da salvação como marco de compreensão, pode-se perceber um pensamento imerso nas categorias da revelação e nas entranhas da sociedade. A conversão se apresenta como ação de Deus, drama humano, encontro com a realidade, aperfeiçoamento de tudo o que é humano e, enfim, como o melhor que pode dar-se na vida de uma pessoa enquanto caminha nesse mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conversão. Realidade. Progresso. História. Drama.

### Introdução

Jean Daniélou (1905-1974) é, sem dúvida, um teólogo que não necessita apresentação. No entanto, um estudo sobre a sua teologia da conversão necessita uma antessala que nos disponha a uma melhor compreensão. Essa afirmação justifica-se pelo fato de não termos encontrado na vasta obra de Daniélou nenhum livro cujo título seja “teologia da conversão”, “a conversão”, ou semelhante. Além do mais, entre as várias teses que se apresentaram tendo como ponto de referência a obra do teólogo francês, tampouco se encontra uma sobre a conversão.

Esse autor viveu um tempo verdadeiramente áureo para a teologia. Hoje em dia, quase ninguém ousa objetar que o século XX foi muito fecundo para a ciência teológica. Os nomes de

- 
- <sup>1</sup> Pe. Françoá Costa é mestre em Teologia pela Universidade de Navarra e, atualmente, é doutorando pela mesma Universidade na qual prepara a sua tese sobre a Cristologia de Jean Daniélou. O presente artigo é a extensão de uma comunicação apresentada no XXXI Simpósio de Teologia da Universidade de Navarra sobre “Conversión y Evangelización”. O artigo do Pe. Françoá, a ser publicado nas atas do referido simpósio, se titula “La conversión verdadera a Cristo – un estudio en la obra de Jean Daniélou”.

Henri de Lubac, Karl Rahner, Hans Urs von Balthasar, Joseph Ratzinger, Yves Congar são reconhecidos com unanimidade como aqueles que renovaram o pensamento teológico. Jean Daniélou é um desses nomes que, ao contrário dos anteriores, caíram no esquecimento. Formado nos círculos intelectuais de Paris da primeira metade do século XX, foi um teólogo muito apreciado a partir dos anos 40. As suas obras foram difundidas por toda a Europa mostrando uma inteligência cristã aberta ao seu tempo e à sensibilidade de uma época. Contudo, depois do Concílio Vaticano II o seu nome foi silenciado, talvez por uma postura enérgica de fidelidade ao mesmo e à Igreja num tempo em que reinava certa confusão em alguns ambientes teológicos.

Daniélou ocupou, durante vários anos, a Cátedra de Origens do Cristianismo no Instituto Católico de Paris e é mais conhecido como patrólogo, como historiador e como um homem de diálogo com as religiões. Além da obra histórica que Daniélou legou à posteridade, há uma abundante obra teológica de grande riqueza. Também se interessou pela literatura e pela filosofia, que lhe preparariam para dialogar com a cultura do seu tempo, de fato chegou a ser membro da *Académie française*. A sua tendência modernizadora se deixa perceber também na sua produção teológica. O fato de estar em contato com a cultura da época é – segundo Daniélou – uma condição para que a teologia seja uma ciência viva. Essa ideia ficou plasmada naquele artigo programático, assaz divulgado, e que é considerado um dos principais momentos da famosa discussão em torno à *nouvelle théologie*. O artigo *Les orientations présentes de la pensée religieuse* foi publicado na revista *Études* em 1946. Na mesma linha, em 1948 seria publicado um livro muito interessante: *Dialogues avec les marxistes, les existentialistes, les protestants, les juifs, l'hindouisme*, así como *Culture et mystère*, também publicado em 1948.

O que foi dito anteriormente sirva para situar o interesse do autor pela sua época. Ademais, para que vejamos que na teologia da conversão presente na obra de Daniélou está implícito o universo do próprio autor enquanto vivido e compreendido. Seria demasiado prolongar nessa introdução para falar do Círculo São João Batista no qual Daniélou dedicou as suas melhores energias apostólicas, um grupo profundamente missionário e, portanto, ao que não escaparia a questão da conversão.

## I. Preliminares

Na teologia de Jean Daniélou, ao contrário da concepção grega, conversão não significa fidelidade a si mesmo ao retirar-se do mundo das aparências para encontrar o seu ser autêntico, mas fidelidade a Deus, o encontro da pessoa humana com o Deus vivo, ao qual o sujeito passa a

contemplar aderindo-se. A pessoa aceita morrer a si mesmo e caminhar rumo a Deus<sup>2</sup>. Trata-se de uma mudança radical que transforma o juízo que uma pessoa possa ter sobre o mundo, os outros, a vida, a morte; é o momento decisivo da existência. A toda essa realidade, podemos chamá-la “primeira conversão”. Ao contrário daquilo que fizeram Adão e Eva no Paraíso – afastarem-se de Deus com a pretensão de ser suficientes aos próprios olhos –, a conversão é voltar à casa do Pai. A conversão primeira é uma verdadeira graça, é reconhecer o próprio pecado, detestá-lo e desejar ser libertado dele. Depois desse primeiro momento, fica ainda todo um processo de conversão que continuará durante toda a vida, trata-se de uma luta para viver no amor de Deus, uma atitude permanente, já que nós não cessaremos de converter-nos enquanto vivermos; todo o nosso itinerário é conversão.

Não obstante, a expressão “conversão primeira” recebe outros significados na obra do teólogo francês. “Conversão primeira” é também o reconhecimento dos nossos pecados, reconhecimento este que nos livra da auto-justificação que nos fecha à graça. Efetivamente, a confiança num certo estado de graça enquanto que implica conformismo, nos encerra num dinamismo de egoísmo fechando-nos à graça e levando-nos ao farisaísmo.

Encontra-se ainda outro significado para “primeira conversão” na obra de Daniélou e que merece um estudo mais repousado. O autor utiliza essa expressão para referir-se àqueles que, ainda que não conhecem a Cristo, com um sentido de justiça e bondade, procuram viver da melhor maneira possível, de acordo com os ditames da consciência. Em algum sentido, eles já vivem na graça de Deus. No vocabulário de Daniélou, esta *première conversion* é claramente distinta da *véritable conversion au Christ*. No fundo, esse sentido de “conversão” nada mais é que um desenvolvimento numa doutrina tradicional da Igreja, o batismo de desejo. Certo é que o centro da ação do Espírito Santo é a Igreja, mas nada impede que os raios (de graça) dessa ação alcancem além do ambiente estrito da Igreja. *Per Christum* toda a humanidade ficou cheia do Espírito Santo e, com maior razão, devemos manter-nos atentos a essa ação do Espírito Santo em todo o mundo, também no mundo pagão. Desprende-se uma consequência importante de tudo isso à hora de evangelizar: não se pode perder de vista que já houve uma pré-evangelização operada pelo Espírito Santo nas almas e, além do mais, nós não convertemos as pessoas, mas o mesmo Espírito. A conversão aparece, nesse contexto, como uma ação do Espírito Santo que conduz a Cristo. Essa maneira de pensar não leva a uma suposta teoria em prejuízo das missões,

---

<sup>2</sup> No Novo Testamento, o vocábulo *epistrepho* aparece uma única vez para indicar o retorno de um discípulo que pecou, Pedro (Cfr. Lc 22,32). Os cristãos que pecavam eram exortados à conversão, ao arrependimento e às obras iniciais queridas por Cristo (Cfr. 2 Cor 12,21; Hb 6,1.6; Ap 2,5). *Epistrefo* e *Metanoein* referem-se apenas à decisão de voltar a Deus mediante a qual o judeu ou o pagão recebe, em Cristo, a bênção escatológica e a remissão dos pecados (Cfr. Mt 18,3; At 3,19). Para os hagiógrafos do Novo Testamento, a conversão representa uma experiência para ser vivida, a resposta afirmativa do convertido ao Evangelho e a disponibilidade do homem para unir-se a Cristo através do Batismo. Conversão é também abandonar o velho fermento para celebrar a Páscoa .

pelo menos no que se refere ao pensamento de Daniélou; de fato, ele mesmo foi um grande promotor das missões.

Ao final dessa primeira aproximação, pode-se destacar as seguintes coordenadas para uma teologia da conversão à luz da obra de J. Daniélou: contemplação e missão, abertura à realidade e encontro com ela, o encontro com o Deus vivo da revelação, o drama diante da realidade nova com a qual a pessoa encontra-se e o contraste com a sua vida antiga, uma atitude de mudança constante.

## II. Conversão e realidade

Daniélou dá um grande valor à contemplação da realidade, do real. Essa maneira de ver a contemplação e expressar-se sobre ela e entende dentro de um diálogo com o pensamento platônico, por um lado, e com o marxista, por outro. Desde 1930, aproximadamente, Daniélou, um dos iniciadores da coleção patristica *Sources Chrétiennes*, lia os Santos Padres e deixava-se cativar especialmente pelos alexandrinos, cuja dependência em relação à filosofia platônica é patente. Por outro lado, durante os seus estudos de filosofia, interessou-se muito pela obra de Karl Marx. Ambas as posturas – platônica e marxista – têm por detrás a pergunta pelo real. Os Padres alexandrinos estavam convencidos que o real é Cristo e que aqueles que se deixam conduzir pelo Espírito Santo chegam à contemplação desse mistério, que é a realidade que dá consistência a todas as outras realidades. Essa inteligência e contemplação se dão pelo espírito de profecia, que faz-nos entender os planos de Deus na história humana. Ao contrário, Marx, em lugar de afirmar a ação de uma realidade transcendente no nosso aquém, simplesmente suprime o além e diz que a realidade é a dimensão econômica, a infraestrutura. Nessa perspectiva, tudo o que distraia o homem da realidade econômica seria uma supra-estrutura, uma alienação da qual seria necessário livrar-se.

Observando ambas as maneiras de pensar, Jean Daniélou afirma que a conversão é uma entrada na ordem do real. Convencia-lhe muito aquilo que dizia Pascal de que há três ordens distintas: a do corpo, a do espírito e a da caridade. À ordem do corpo lhe corresponde o espírito de geometria que nos faz entender a natureza; à ordem do espírito corresponde-lhe o espírito de fineza que dá a inteligência da alma; à ordem da caridade lhe corresponde o espírito de profecia que dá o entendimento da história<sup>3</sup>. Para Daniélou, como teólogo, era mais interessante essa última ordem, a da caridade relacionada com a profecia, já que esta nos faz entender a história e situa o ser humano na realidade. Aquele que se converte a Cristo entra na ordem da realidade.

---

<sup>3</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *Dialogues avec les marxistes, les existentialistes, les protestants, les juifs, l'hindouisme*, Paris: Portulan, 1948, p. 71.

De acordo com o pensamento dos Padres alexandrinos, especialmente de São Gregório de Nissa, a realidade por antonomásia é Cristo e, conseqüentemente, o encontro com ele será o encontro com a realidade. A ordem da graça é a ordem da imagem de Deus que, no fundo, é Cristo, “imagem de Deus invisível” (Cl 2,15). A ordem de Cristo é, definitivamente, a realidade; aproximar-se a Jesus Cristo significa, para o ser humano, sair de toda ilusão e entrar nas verdadeiras esferas da realidade<sup>4</sup>. Toda pessoa, em Cristo, descobre o que vale de verdade. A conversão a Cristo é uma promoção autêntica de todo homem e de toda mulher.

### III. Conversão como ação de Deus

Uma afirmação verdadeiramente central na obra de Daniélou é que Deus age na história. A *Historia Salutis* se constitui por essas ações. Hoje em dia, falar de “história da salvação” já é bastante comum nos ambientes teológicos, mas é preciso pensar na novidade que supunha dentro do quadro da renovação teológica que se dava na primeira metade do século XX. Afirmar que Deus atua na história significa dizer também que ele atua na história como um todo, ou seja, em toda a história. Nos tempos de Daniélou, tal afirmação era muito oportuna à hora de estabelecer um diálogo frutuoso com algumas correntes filosóficas, como o marxismo e o existencialismo, entre outras. Essa visão das coisas não perdeu atualidade. Efetivamente, conceitos como história e imanência encontram-se muito presentes nas citadas correntes filosóficas e falar, portanto, do Deus vivo que, mantendo a sua transcendência, age na história universal e pessoal é uma verdadeira ponte estendida entre a teologia e a filosofia moderna.

As intervenções salvadoras de Deus, que constituem a história sagrada, chegam à sua plenitude com Jesus de Nazaré, e continua a sua marcha na vida da Igreja e, na Igreja, na vida de cada cristão. Deus chamou pessoas concretas – Abraão, Moisés, cada profeta – para agir na história universal através deles. Ou seja, é através dos indivíduos que se dá o progresso da história da salvação num processo marcado pela continuidade e pela descontinuidade. Isso é muito importante para uma teologia da conversão que queira ser bíblica e ao mesmo tempo existencial. Quando uma pessoa percebe a intervenção de Deus na sua vida e se adere a esse plano salvador, pode-se falar, então, de fé e de conversão, já que a fé e a conversão são inseparáveis. A fé, desde essa perspectiva, no quadro da história da salvação, marca a teologia da conversão com matizados muito interessantes: a conversão é uma ação de Deus na minha vida,

---

<sup>4</sup> « Cette instabilité foncière du monde sensible, expression de son irréalité, ou, si l'on veut être plus exact, de son peu de réalité, se comprend pleinement par comparaison avec ce qui existe réellement. C'est l'ordre de la grâce, qui est la réalité que l'Écclésiaste oppose à l'illusion de la vie simplement naturelle » (DANIÉLOU, J., *Platonisme et théologie mystique*, Aubier: Montaigne, 1944, p. 128). « Le monde de l'eikón, c'est-à-dire l'ordre de la vie surnaturelle, qui a existé à l'origine, qui est la réalité de l'homme, que la vie spirituelle a pour objet de restaurer » (*Id.*).

mas também há que dizer que esse agir de Deus ao meu favor repercute no fazer-se salvífico da história. Dessa maneira, a conversão sai de uns esquemas individualistas e ganha perspectivas cósmicas, universais.

Daniélou faz a distinção entre os eleitos e os chamados; os cristãos são os primeiros, enquanto que todos os pagãos são “chamados”. O fato de os pagãos serem chamados por Deus mostra a ação silenciosa do Deus vivo nas entranhas da humanidade. Ele continua convocando todos os seres humanos. Essa ação de Deus mostra que a sua vontade salvífica é verdadeiramente eficaz. Como Deus trabalha nas profundezas da humanidade, a tarefa do missionário é proporcionar a essas pessoas, sujeitas da ação silenciosa de Deus, um encontro com Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem<sup>5</sup>.

#### IV. O drama da conversão

No progredir da história da salvação há coisas que permanecem e outras que devem desaparecer para dar lugar às realidades novas que Deus vai suscitando. A esse processo chamamos continuidade-descontinuidade. No Antigo Testamento, a continuidade-descontinuidade acontece tanto através dos eleitos de Deus como através de Israel como Povo escolhido. Encontrar-se nesse processo causa um drama no interior da *historia salutis* que se manifesta no fato de que uma etapa não quer ceder facilmente lugar à outra, há umas resistências nas entranhas da história. Essas oposições também se manifestam na vida dos indivíduos<sup>6</sup>, em cada pessoa que se converte faz-se presente esse aspecto dramático próprio da conversão a Cristo. A ação de Deus vem ao encontro do ser humano necessitado, este precisa perceber a sua indigência diante do Criador, para mudar o trajeto da sua vida relativamente estável até o momento. A conversão implica uma mudança de mentalidade, de desejos e de afetos. O encontro dessa nova realidade com a anterior se dá com certo choque, por vezes bastante brusco. O drama da história é, ao nível do indivíduo, o drama da pessoa. Dessa maneira, o nosso autor queria empalmar a teologia com a vida: o Deus que age na história universal é o mesmo que intervém na história individual de cada ser humano enchendo-o da graça que está em Cristo.

Esse drama da conversão se manifesta especialmente quando uma pessoa já começa a perceber quão maravilhoso será a presença do mistério de Cristo na sua vida. Dá-se então uma luta terrível entre tudo o que era e aquilo que virá a ser; trata-se também de que cada pessoa se

---

<sup>5</sup> « Les chrétiens sont les élus, tous les autres sont les appelés, c'est-à-dire qu'ils ne sont pas étrangers au dessein du salut. (...) Dieu travaille dans les profondeurs cachées de l'humanité. Aucun homme n'est pas étranger à Jésus-Christ même s'il ignore, même s'il blasphème. C'est cela la vision missionnaire du monde (...) Notre rôle est seulement d'aider nos frères à trouver Jésus-Christ qu'ils devront un jour reconnaître. » (DANIÉLOU J., em JACQUIN, F., *Histoire du Cercle Saint Jean-Baptiste*, Paris: Beauchesne, 1987, p. 187).

<sup>6</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *El Misterio del Adviento*, Madrid: Cristiandad, 2006. Toda la Introducción.

deixe superar e não fique nos seus velhos esquemas vitais. Esse aspecto dramático é muito importante para uma teologia da conversão que queira ser realista, já que seria suficiente acompanhar a alguém que esteja caminho rumo à fé para perceber as dificuldades que tem que ir superando com a graça de Deus.

Daniélou afirma, em consonância com toda a Tradição, que a humanidade já se encontra substancialmente salva (redenção objetiva), mas cada pessoa tem que aceitar essa salvação para si a través da fé<sup>7</sup> (redenção subjetiva). Esse processo através do qual cada ser humano recebe a salvação conquistada por Cristo se contextualiza no ambiente cultural e religioso de cada pessoa. O cristianismo acolhe o que de verdadeiro há nas religiões, mas ao mesmo tempo rompe com elas porque se trata de uma destruição de toda corrupção, e muito especialmente da idolatria, que não pode dar-se no cristianismo. Existe um único Deus, e esse Deus uno e trino não aceita compartilhar a adoração que lhe é devida<sup>8</sup>. Isso também explica o choque dramático que se dá, por exemplo, na conversão de um pagão porque – segundo o nosso autor – o pagão deve ser arrancado do poder do diabo. Pois sendo verdade que Cristo morreu por todos e a todos livrou do demônio, não é menos verdadeiro o fato de que muitas pessoas se aproximam do diabo atado e derrotado por Cristo. Ao aproximar-se do Maligno, essas pessoas caem sob o seu poder e custa soltar-se<sup>9</sup>. Daniélou também descreve à luz da libertação do Povo de Israel do Egito opressor, a libertação do pagão que se prepara para o batismo, as lutas que o demônio tem ao redor dele para mantê-lo preso sob o seu poder, e a vitória de Cristo sobre essa alma; tudo isso se deixa expressar na liturgia no Ritual do Batismo através dos exorcismos e das bênçãos que antecipam a recepção do Sacramento do Batismo.

O nosso autor também é consciente de que uma das dificuldades, não menos dramáticas, no processo da conversão pode ser a de crer que o perdão de Deus seja para um pecador como eu e alerta contra essa desesperança. O Senhor pede que tenhamos fé, que acreditemos no seu perdão<sup>10</sup>. Nessa linha, é muito importante que o missionário, que leva no peito uma espécie de agonia pela salvação dos outros, também acredite que o perdão de Deus é, efetivamente, para eles, e assim o transmita<sup>11</sup>.

## V. Conversão e missão.

---

<sup>7</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *Mitos paganos, misterio cristiano*, Andorra: Casal i Vall, 1967, p. 108.

<sup>8</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *Essai sur le mystère de l'histoire*, Paris: Seuil, 1953, p. 118.

<sup>9</sup> « Un païen n'est pas seulement étranger à la révélation du Christ. Il est sous l'empire positif des forces du mal. Il doit être arraché aux puissances qui le tiennent captif. La conversion en ce sens est toujours un drame » (*Ib.*, p. 207).

<sup>10</sup> « Il peut arriver pour certains que la foi, un salut opéré par Jésus-Christ, soit facile, mais que la grande tentation soit de douter que ceci soit vrai « pour moi ». (...) Ce que le Christ demande de nous, c'est d'avoir foi en son pardon » (*Ib.*, p. 340-341).

<sup>11</sup> Cfr. *Id.*

J. Daniélou não somente refletiu sobre o trabalho evangelizador e missionário da Igreja, mas, além disso, quis ser missionário na China. Não lhe foi possível! Esse historiador e teólogo francês quis, em primeiro lugar, estudar as *gentes* para, num segundo momento pensar na *missio ad gentes*. Esse labor teológico foi realizado através do estudo das religiões. A questão é simples: o missionário tem uma missão: deve pregar a Cristo; essa pregação leva consigo a implantação da religião cristã, a *plantatio Ecclesiae*, nas terras de missão. É importante, portanto, conhecer o que há de positivo nessas religiões, e também o que há de negativo, para que o anúncio da fé seja mais eficaz. Com outras palavras, não se pode partir da premissa de que nada existia nessas terras antes da chegada do cristianismo.

Essa maneira de pensar está relacionada com a compreensão que Daniélou tem da história da salvação, cujo progresso se dá através do processo continuidade-descontinuidade. Sempre há em todas as culturas e em todas as religiões realidades válidas a ser conservadas, ao lado de coisas que não servem. Mas, ao contrário daquilo que acontece na história da salvação – enquanto constituída pelas ações e palavras de Deus e cujo fruto perfeito é o cristianismo –, as religiões são resultados da busca de Deus por parte do homem<sup>12</sup>. Quando a fé em Cristo chega às nações e às suas religiões se dá uma purificação de tudo o que não está de acordo com a essência do cristianismo e uma elevação dos valores autênticos desses povos e de suas religiões. Nesse contexto, a conversão tampouco pode ser a destruição da busca de Deus que existe no ser humano, mas a sua purificação, elevação e aperfeiçoamento. Por outro lado, a ação de Deus presente em cada conversão não exclui o fato de que a busca deve continuar através de um conhecimento e de um amor a Deus cada vez mais intensos. A fé não tem por objeto somente a existência de Deus, mas o fato de que ele atua na história<sup>13</sup>, e também na história pessoal de cada um de nós. Efetivamente, há pessoas que não negam a existência de Deus: afirmam crer que Deus existe, mas essa “fé” nada muda em suas vidas e, nesse sentido, não é operativa.

Enquanto uma pessoa não recebe o dom da fé em Cristo, ou melhor, a aceitação desse dom, pressuposto o conhecimento de Jesus Cristo, é preferível ser pagão que ateu. A afirmação se justifica pelo fato de que o pagão pelo menos busca a Deus. Mas – continua Daniélou – é melhor ser cristão que pagão. Por outro lado, já que o desejo de Deus é comum ao paganismo e ao cristianismo, este último mostra a sua especificidade no fato de que Deus é quem busca o homem para dar-lhe vida eterna. Religião e cristianismo conservam, pois, uma relação continuidade-descontinuidade no pensamento de Jean Daniélou. A mesma coisa há que afirmar, por exemplo, se pensamos na conversão de um pagão à revelação: em cada resposta ao chamado de Deus em Cristo há sempre uma continuidade e uma descontinuidade. Nesse momento, a pergunta que se

---

<sup>12</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *Mitos paganos, misterio cristiano*, o.c., p. 42-43

<sup>13</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *Les Saints « païens » de l’Ancien Testament*, Paris: Seuil, 1956, p. 32.



impõe à nossa consideração é se a continuidade é maior que a descontinuidade, ou ao contrário. À hora de fazer uma opção teológica por um desses dois polos, nos inclinamos a pensar que é maior a descontinuidade. A nossa opção se justifica pelo fato de que em cada conversão se dá um começo absoluto, uma nova criação na vida de cada ser humano através da fé, da conversão, dos sacramentos. O Deus que irrompe na história de cada pessoa levando-a à conversão é o Deus vivo que dá vida aonde antes havia morte.

A distinção entre cristianismo e paganismo levou o nosso autor a pensar que no fundo o cristianismo não é uma religião. Consequentemente, quando uma pessoa se converte não estaria mudando de religião. Isso seria assim porque ao ser a religião uma busca de Deus por parte do homem e o cristianismo a busca do homem por parte de Deus, dentro da continuidade entre religião e cristianismo se dá uma grande descontinuidade, isso de tal maneira que pode dizer-se que a revelação, a diferença da religião, é uma promoção absoluta na qual aparecem todos os elementos nobres do fenômeno religioso levados a um plano superior. Dessa maneira, religião e cristianismo aparecem não como realidades paralelas, mas complementarias<sup>14</sup>. A conversão de uma pessoa ao cristianismo será em cada caso uma promoção absoluta na qual acontece uma assunção de tudo o que de verdadeiro e bom era anteriormente professado e vivido.

As religiões encontram-se, portanto, orientadas ao cristianismo; não se trata de dizer se elas são falsas ou não. A realidade mais profunda é que elas são essencialmente inacabadas, incompletas<sup>15</sup>, devem deixar-se superar. De maneira semelhante, não é que a vida nas outras religiões seja falsa, mas é simplesmente incompleta e inacabada. No cristianismo está a consumação porque a maior realidade que se deu na história foi a vinda do Filho de Deus para re-ligar o homem com Deus. Aceitar o mistério de Cristo será, portanto, para cada pessoa o momento auge da sua vida.

Jean Daniélou desejava e acreditava no chamado que Deus faz a todos os povos à conversão em Cristo. Essa é a realidade que retira o ser humano de todas as suas fantasias vãs<sup>16</sup>. Consideradas as situações pessoais, cada ser humano está chamado por Cristo e é por ele amado<sup>17</sup>. Dentro do interesse geral pela missão, o nosso teólogo manifestava uma predileção pela missão aos povos orientais, especialmente Índia e China. Em todo caso, seja a nível pessoal ou coletivo, a Igreja foi encarregada por Cristo para realizar essa tarefa, ela deve realizar o seu

---

<sup>14</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *Mitos paganos, misterio cristiano*, o.c., p. 11.

<sup>15</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *El Misterio del Adviento*, o.c., p. 22.

<sup>16</sup> « Croire que tous les peuples d'islam, d'Inde, des pays déchristianisés, sont appelés à faire partie de la cité de Dieu, que la grâce de Dieu est assez puissante pour faire tomber tous les obstacles » (DANIÉLOU, J., *Contemplation – croissance de l'Église*, o.c., p. 89).

<sup>17</sup> Cfr. *Ib.*, p. 150.

trabalho evangelizador em todas as partes enquanto não chegam a Parusia e o Juízo<sup>18</sup>. Explícita e oficialmente, a Igreja o realiza a través dos seus missionários; é um labor eficaz e ao mesmo tempo em que lento, sem dúvida alguma, exige muita paciência<sup>19</sup>.

## VI. Apologética da conversão

Em 1964, alguns teólogos fizeram, em Bombay, uma declaração na qual ressoava que todas as religiões são caminhos de salvação. Daniélou protestou já que ele – com todo o pensamento católico – afirmava que a salvação é dom de Deus e que o único caminho é Cristo, que incorpora a si e à sua Igreja como sacramento universal de salvação.

Logicamente, não se deve pensar que isso seja uma espécie de intolerância. A mente cristã sempre pensou assim: somente em Jesus Cristo se encontra a salvação. Infelizmente, em alguns ambientes penetrou uma espécie de indiferença religiosa no diálogo inter-religioso. Outra versão dessa indiferença é o falso irenismo, um ecumenismo mal compreendido e mal praticado. O Concílio Vaticano II o denunciaria<sup>20</sup> e Daniélou, naquele tempo, também o denunciou, ao mesmo que reafirmou o valor do diálogo. A sensibilidade do nosso autor para com os cristãos acatólicos se manifesta, por exemplo, ao afirmar que no campo do ecumenismo a questão não é exatamente a da conversão ou não, mas que o mais importante é cada cristão seja profundamente sincero diante do seu Senhor Jesus Cristo. O nosso autor postula uma união na verdade, que deve estar na base de qualquer ação ecumênica<sup>21</sup>.

Em 1970 foi publicado um livro muito interessante com textos de vários teólogos, titulado *A resposta dos teólogos*<sup>22</sup>, no qual Daniélou tem uma participação considerável. Nosso teólogo trata de pontos que considera importantes no pós-Concílio num texto vibrante, cheio de uma visão de fé e com o desejo de recuperar a vitalidade perdida nalguns setores da Igreja daqueles tempos. Daniélou denuncia a falta de fé, a adesão a um subjetivismo que eliminaria paulatinamente o cristianismo da esfera pública; defende que o mais importante é o sagrado e a dimensão da adoração, que Deus seja entregue à humanidade e esta o acolha<sup>23</sup>. O cristianismo, chamado pessoal a uma conversão pessoal, não deixa de ser também a constituição de um grupo,

---

<sup>18</sup> Cfr. DANIELLOU, J., *Essai sur le mystère de l'histoire*, o.c., p. 255.

<sup>19</sup> « Travailler à l'évangélisation du monde, à la mission. Ainsi le zèle agissant de la Parousie, c'est encore la charité missionnaire; elle est patiente, mais elle est aussi opérante, non pas en hâtant la Parousie, aux dépens de la conversion des âmes, mais en hâtant la conversion des âmes en vue de la Parousie» (*Ib.*, p. 340).

<sup>20</sup> Cfr. Decreto *Unitatis Redintegratio*, nº 11.

<sup>21</sup> Cfr. DANIELLOU, J., *Scandaleuse vérité*, Paris: Fayard, 1961, p. 119.

<sup>22</sup> Cfr. CONGAR, Y., DANIELLOU, J., etc., *La respuesta de los teólogos*, Buenos Aires – México: Carlos Lohlé, 1970.

<sup>23</sup> Cfr. *Ib.*, p. 50.

mantendo assim o seu significado coletivo<sup>24</sup>. A história sagrada é a história das eleições de Deus numa autêntica concatenação: ele escolheu a Noé, a Abraão, a Isaac e a Jacó e, finalmente, um povo para salvá-lo. Jesus também quis escolher os seus discípulos e, entre eles, os Doze, e assim por diante. Jesus constitui assim a sua Igreja, Casa de Deus na qual cabem todos. A Igreja é o Povo de Deus, a esse povo todos os outros estão chamados a pertencer.

Contra algumas teologias que brilham pela ausência do afã evangelizador e apostólico da Igreja, Daniélou combateu – concretamente – a teoria da subordinação à humanidade como condição de salvação. Esta teoria diria que a humanidade recebeu a vida de Jesus Cristo e o caminho normal de salvação seria subordinar-se a ela e nela ser salvo; a subordinação à Igreja seria algo excepcional. Há uma inversão nessa maneira de pensar: antes se dizia que a Igreja é o caminho ordinário de salvação e que, extraordinariamente, poderiam ser salvados membros de outras religiões. Nessa teoria, o caminho ordinário de salvação seria entrar na humanidade como um todo, e, extraordinariamente, entrar na Igreja. É lógico que Daniélou não esteja de acordo com esse pensamento, o qual quase não deixa lugar para a conversão. Nosso teólogo não queria que diminuísse a fé na Igreja como comunidade de salvação, pois a consequência seria, além do prejuízo para as almas, a perda de vitalidade dentro da Igreja<sup>25</sup>. Para Daniélou, o cristianismo deve estar no mundo das pessoas e das sociedades.

Para fazer efetiva a presença de elementos cristãos em todas as esferas da sociedade, o teólogo francês concede um lugar especial à conversão das elites, já que é a partir delas – sem negar nenhum valor à piedade popular, que se cristianiza uma determinada cultura nas suas leis, nas suas expressões, na sua arquitetura e na sua medicina. O seu desejo era que todas as coisas estivessem penetradas do espírito das bem-aventuranças. Daí a importância da conversão das elites possuidoras do poder na sociedade. No fundo, o que está por detrás é o interesse do autor em que o cristianismo faça-se cultura e como são as elites que conservam muitas tradições culturais de um povo, é muito importante que elas se convertam a Deus<sup>26</sup>.

## Conclusão

Num mundo relativista, tem sentido, ainda hoje, falar de conversão? Com o anteriormente dito, a resposta não pode ser mais que afirmativa. Na obra de Daniélou, a conversão aparece cheia de sentido porque o autor acredita firmemente que o acontecimento central da história da salvação é Cristo, o Salvador. Nesse sentido, uma teologia pluralista segundo a qual toda religião

---

<sup>24</sup> Cfr. *Ib.*, p. 23.

<sup>25</sup> Cfr. *Ib.*, p. 48-49.

<sup>26</sup> Cfr. DANIELLOU, J., *Essai sur le mystère de l'histoire*, o.c., p. 40-41.

seria igualmente verdadeira e boa e, conseqüentemente, repugnasse a conversão das pessoas considerando-a como algo desnecessário, não estaria nem de acordo com o Evangelho nem em consonância com o pensamento do nosso teólogo<sup>27</sup>.

A abertura a Deus presente em cada ser humano é a base antropológica para a pregação e a recepção do Evangelho. Essa abertura é algo tão conatural à pessoa que o nosso autor não duvida em afirmar que o homem totalmente fechado a Deus seria uma pessoa mutilada, faltaria-lhe algo essencial<sup>28</sup>. Quando a palavra de Cristo chama à conversão, essa palavra não é inimiga da inteligência humana e, por tanto, quando se trata de uma pessoa de boa vontade, esta deveria render-se diante da palavra salvadora de Jesus<sup>29</sup>. Contudo, a conversão é sempre algo complexo, pois, também é verdade que uma pessoa poderia entender que a fé é o melhor para ela e desejá-la e, ainda assim, postergar a conversão por outros motivos.

A teologia da conversão é, portanto, muito atual, não somente pelo fato de que sempre há pessoas que se convertem e a inteligência cristã queira entender melhor o dinamismo que implica a fé, mas principalmente porque Cristo é o único Salvador e foi ele quem deu à sua Igreja a missão de pregar o Evangelho. Por essa pregação, muitos virão ao conhecimento e ao amor de Deus. Um cristão deveria vibrar por causa dessa realidade apostólica que se apresenta diante dele: seu campo de apostolado é seu campo de colheita. A conversão das pessoas ao cristianismo é uma prova da vitalidade do apostolado cristão.

Pode-se dizer que a conversão a Cristo, segundo Daniélou, é um voltar-se aderindo – pela graça de Deus – à verdadeira realidade, que é Jesus Cristo. Toda conversão é ação de Deus e necessariamente também inclui a abertura do ser humano a uma graça concreta de Deus. Essa graça vem ao sujeito através da Igreja, cujo labor evangelizador provocador da conversão será cada vez mais eficaz na medida em que ela, renovada nas suas estruturas reformáveis e nos seus membros, seja cada vez mais testemunha de Cristo em meio às nações<sup>30</sup>. Na medida em que nós formos cheios do Espírito Santo, o mundo também poderá sê-lo<sup>31</sup>. Ao trabalhar pela conversão dos outros, umas das virtudes mais necessárias é a da esperança. Ela antecipa, em certo modo, o que vai acontecer; em esperança nós podemos acreditar que todas as nações virão a reconhecer que Cristo nos salvou<sup>32</sup>.

---

<sup>27</sup> « Peu importe, dira-t-on, que vous soyez bouddhiste, musulman ou chrétien : l'importante est que vous le soyez sincèrement. Et ici encore l'argument contient une part de vérité ; et il est vrai que les hommes de bonne foi seront jugés sur les lumières qu'ils ont eues. Mais il n'en reste pas moins qu'on peut être de bonne foi dans l'erreur et que le fait qu'il y ait des hommes religieux dans toutes les religions ne fait pas que toutes les religions soient égales » (DANIÉLOU, J., *Scandaleuse vérité*, o.c., p. 14).

<sup>28</sup> Cfr. *Ib.*, p. 88.

<sup>29</sup> Cfr. *Ib.*, p. 101.

<sup>30</sup> Cfr. DANIÉLOU, J., *Contemplation – croissance de l'Église*, o.c., p. 164.

<sup>31</sup> « Seul l'Esprit nous conduit au Fils et nous attire au Père » (*Ib.*, p. 170).

<sup>32</sup> Cfr. *Ib.*, p. 90.

## CONVERSION AND DRAMA

### Some aspects in the Theology of Conversion of Jean Daniélou

#### ABSTRACT

All theology has as its principal source the Word of God, transmitted in the Sacred Scriptures and in the living Tradition of the Church. With all these, the theological inquiry is always open to realities, to which the light of such Word seeks to penetrate and illuminate. Among such realities that has always been a source of joy and reflection within the Community of Faith (the Church), is the phenomenon of conversion. While there is no explicit theology in the work of J. Daniélou about conversion, nevertheless, this topic is inherent in some of his writings. Thus, the purpose of this work is to discover some aspects of such a theology of conversion. To better understand this topic, the history of salvation will serve as its framework. One can perceive in J. Daniélou a thinking that is deeply immersed within the categories of revelation and the most profound dimensions of the society, altogether. Conversion is being presented as an action of God, a human drama and, definitely, as that “best thing” which may touch a person’s life while on journey in this world.

**KEY WORDS:** Conversion. Reality. Progress. History. Drama

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALONSO, J., *Conversión filosófica y conversión cristiana*, Scripta Theologica, n. 41, p. 687-710, mar 2009

AUBIN, P., *Le problème de la conversion*, Paris: Beauchesne, 1963

CONGAR, Y., DANIELOU, J., et al., *La respuesta de los teólogos*, Buenos Aires – México: Carlos Lohlé, 1970

COSTA, F., *Cristo y la historia – una aproximación a la cristología de Jean Daniélou*, Tesis de Licenciatura, Pamplona: Facultad de Teología de la Universidad de Navarra, 2009

DANIELOU, J., *Contemplation – croissance de l’Église*, Paris: Fayard, 1977

\_\_\_\_\_. *Dialogues avec les marxistes, les existentialistes, les protestants, les juifs, l’hindouisme*, Paris: Portulan, 1948

\_\_\_\_\_. *El Misterio del Adviento*, Madrid: Cristiandad, 2006

\_\_\_\_\_. *Essai sur le mystère de l’histoire*, Paris: Seuil, 1953

\_\_\_\_\_. *Les Saints « païens » de l’Ancien Testament*, Paris: Seuil, 1956

\_\_\_\_\_. *Mitos paganos, misterio cristiano*, Andorra: Casal i Vall, 1967

\_\_\_\_\_. *Scandaleuse vérité*, Paris: Fayard, 1961

JACQUIN, F., *Histoire du Cercle Saint Jean-Baptiste*, Paris: Beauchesne, 1987